

MISSÃO CELAM

215773 | 12 DEZEMBRO DE 2022 - JANEIRO DE 2023



Rumo à etapa
continental do Sínodo

Sigamos
caminhando
juntos!



**PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
EPISCOPAL LATINO-AMERICANO**
Mons. Miguel Cabrejos Vidarte,
OFM

Presidente

Card. Odilo Pedro Scherer
Primeiro Vice-Presidente

Card. Leopoldo José Brenes
Segundo Vice-Presidente

Mons. Rogelio Cabrera López
Presidente da Comissão
de Assuntos Econômicos

Mons. Jorge Eduardo Lozano
Secretário Geral

Direção editorial: José Beltrán,
Óscar Elizalde.

Textos: Rubén Cruz, Ángel Morillo, Paola
Calderón

Grafismo: Amparo Hernández,
Milton Ruiz, Carolina Henao y
Giovanny Pinzón e Inmaculada Brigidano.

Fotografia: Archivo Vida Nueva,
CELAM, REPAM e REPAM-Brasil.

Edição: PPC.

Impressão: Jomagar.

Todos os conteúdos são elaborados
pela Vida Nueva e pelo Centro
de Comunicação do CELAM.

Sumario



4 Na capa
**Ao serviço do Povo
de Deus (e da sinodalidade)**



8 Atualidade
**A aliança de Clamor e ACNUR
Red Eclesial del Gran Chaco**



12 Queridíssima Amazônia
**A Mineração e seus impactos
na amazônia brasileira**



14 Rostos e Vozes
Marcia Boxil-Haywood
Mons. Arturo Fajardo



16 Os últimos, os primeiros
A discípula de Rutilio Grande



Chamados à conversão permanente

Mons. MIGUEL CABREJOS VIDARTE, OFM, PRESIDENTE DEL CELAM

O processo sinodal continua a nos convocar a caminhar juntos *por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão.*

É uma alegria saber que de fato caminhamos juntos, como já fizemos na etapa diocesana, quando se realizou um amplo exercício de escuta para colher diversas contribuições, a fim de oferecer uma síntese nacional de todas as vozes da Igreja. Estas sínte-

ses deram origem ao Documento de Trabalho para a fase continental que atravessamos, uma referência que nos ajuda a avançar no discernimento, a partir das contribuições substantivas do Povo de Deus.

Diante dos grandes desafios que nos interpelam como Igreja Povo de Deus, chamada à conversão permanente, ressoa em nossos corações o convite do profeta Isaías: “Alarga o espaço da tua tenda.” (Is.

Editorial

O ESPÍRITO CONTINUA SOPRANDO

O Sínodo da Sinodalidade enfrenta a fase continental. Nesta nova etapa, todos estão de olho nas assembleias regionais que acontecerão entre fevereiro e março de 2023 na América Latina e no Caribe, com o objetivo de reunir tudo em uma síntese para garantir as contribuições de todos os membros da Igreja.

De 17 a 20 de março, será realizada uma reunião na sede do Celam com os delegados de cada região para discernir e redigir a síntese. De 21 a 23, os secretários gerais das conferências episcopais, juntamente com os presidentes, farão uma releitura da experiência sinodal para oferecer um espaço de validação e aprovação do documento final. Feita a síntese, a enviarão ao Secretariado do Sínodo antes do dia 31. Será então que, com base nos documentos finais das sete assembleias continentais, será elaborado o Instrumentum laboris para junho, que será o prelúdio para a primeira reunião mundial em outubro no Vaticano.

A sinodalidade é um modo de ser Igreja, é o modo como o Espírito Santo sopra hoje, fazendo-o com ar profético. Do Celam, como já avisávamos no Documento de Renovação e Reestruturação, “não há conversão pastoral da Igreja, coerente com o Concílio [Vaticano II], sem a erradicação do clericalismo”. Por isso, com os olhos postos em 2033 – o Jubileu da Redenção – procuramos ser uma organização “ao serviço das Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe que, favorecendo a comunhão e a colegialidade dos bispos, favorece o encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo e a sinodalidade em particular, das Igrejas em saída, com opção preferencial pelos pobres e o cuidado da casa comum, para tornar visível o Reino de Deus”. Por isso, conceder o protagonismo da ação evangelizadora da Igreja “ao fiel povo santo de Deus”, como **Francisco** vem repetindo desde o início de seu pontificado, é uma condição indesculpável. ●

54,2) É um convite à esperança, porque como Igreja devemos abrir-nos para dar espaço a todos os membros que foram relegados ou excluídos. Ao mesmo tempo, sonhamos com uma Igreja capaz de incluir e integrar os grandes desafios socioambientais, da pobreza, do mundo das migrações, do diálogo ecumênico, do diálogo interreligioso, do papel da mulher e seu espaço na tomada de decisões, e o protagonismo dos leigos e leigas em geral. Reconhecemos que precisamos nos aproximar cada vez mais do Povo de Deus para fazê-lo parte deste caminho que se tece junto e em torno do seguimento de Cristo, para o anúncio do Evangelho no coração do mundo de hoje.

Tomando a síntese universal para devolvê-la a um nível continental e discernindo ao que o Senhor nos chama nesta fase, à luz da realidade continental, queremos nos concentrar em três elemen-

tos-chave: primeiro, o que ecoa e o que os movimentos internos fazem a leitura da síntese em chave de discernimento; segundo, quais são as tensões ou aspectos que podem ser problemáticos ou ausentes; e terceiro, quais são os possíveis horizontes que estão se abrindo, ou seja, onde perceberemos que o espírito, do ponto de vista do nosso continente, está nos chamando.

A participação do Povo de Deus continua sendo fundamental nesta fase continental. Esperamos que suas contribuições para o discernimento cheguem às quatro assembleias regionais que celebraremos entre fevereiro e março de 2023, onde esperamos ter uma participação significativa de aproximadamente 500 irmãos e irmãs de diferentes latitudes, vozes e experiências de discipulado-missionário. Sigamos caminhando juntos! ●

Ao serviço do Povo de Deus (e da sinodalidade)

LEIGOS DA IGREJA LATINO-AMERICANA E CARIBENHA REFLETEM SOBRE SUA LIDERANÇA NA “MISIÓN CELAM”

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

No prefácio do livro *Sinfonia dos Ministérios*, de **Fabio Fabene**, secretário da Congregação para as Causas dos Santos, o Papa **Francisco** faz um apelo urgente: “Devemos verificar se somos fiéis a esta identidade secular, reiniciando o relógio que parece ter parado. O tempo é agora.” E, de fato, ninguém é mais fiel a este mandato do que o próprio Bispo de Roma, que desde a exortação *Evangelii gaudium*, publicada em 2013, até a recente constituição apostólica *Praedicate evangelium*, apresenta duas razões fundamentais: primeiro, os leigos são a grande maioria do Povo de Deus e, em segundo lugar, todo o cristão em virtude do batismo é um discípulo missionário, portanto, “deve-se prever a participação dos leigos, também em funções de governo e de responsabilidade. A sua presença e participação também são essenciais, porque cooperam para o bem de toda a Igreja”.

Da mesma forma, os sínodos sobre a família, a juventude e a Amazônia são sinais claros da parrésia com que o Santo Padre promove os ministérios leigos – ou como São **Paulo VI** preferiu chamá-los: ‘ministérios instituídos’, para diferenciá-los dos ordenados –, e com isso não se pretende fazer uma dicotomia entre uns e outros, mas sim que a ação e a presença leiga são necessárias para a construção da ‘Igreja da comunhão’ e pelo seu próprio caráter missionário. A recente nomeação do brasileiro **Gleison de Paula Souza** como secretário do Dicastério para os Leigos, Família e Vida é mais um gesto de Francisco para continuar dando destaque aos leigos, além das nomeações de **Paolo Ruffini**, prefeito do Dicastério para a Comunicação; **Raffaella Petrini**, número dois do governorato da Cidade do Vaticano; **Barbara Jatta**, diretora dos Museus do Vaticano; **Gabriella Gambino** e **Linda Ghisoni**, subsecretárias do Dicastério para os Leigos, Família e Vida; e os latino-americanos **Emilce Cuda** e **Rodrigo Guerra**, ambos secretários da Pontifícia Comissão para a América Latina.



Oração indígena durante a celebração do Sínodo da Amazônia em outubro de 2019 no Vaticano, com a presença do Papa

Nesta linha, a 37.ª Assembleia Geral do Celam lançou em 2019 o processo de renovação do corpo episcopal que deu lugar a uma nova estrutura através de quatro centros pastorais, cada um sob a direção de um leigo. Ainda que “se valorizem os esforços feitos para compreender e operacionalizar a sinodalidade no Povo de Deus como um todo”, os prelados advertem que “ainda estamos muito longe de erradicar o clericalismo que tanto impede o crescimento dos fiéis leigos. Nós pastores temos um longo caminho a percorrer para avançar rumo a uma pastoral orgânica e corresponsável, onde os vários carismas e ministérios e formas de participação na vida consagrada e laical encontrem seu lugar”.

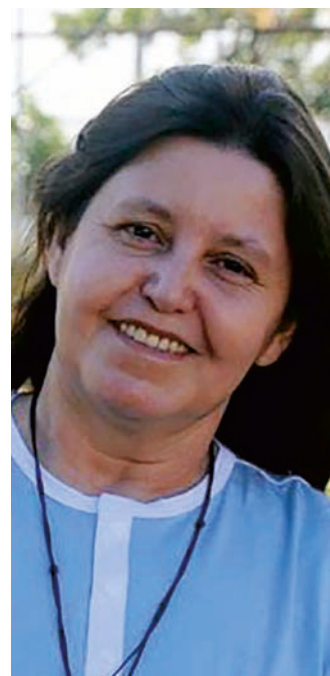
Para compreender plenamente a categoria Povo de Deus, **César Kuzma**, leigo brasileiro, presidente da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter)

no Brasil, explica que “a Igreja não nasce e não se constitui apenas por uma vontade humana. A Igreja, como nos ensina a tradição e como foi instituída no Concílio Vaticano II, é um mistério, e este mistério se realiza concretamente num povo que peregrina a Deus, para usar aqui as palavras de Francisco”. Assim, “a Igreja é entendida constitutivamente como Povo de Deus, porque se faz presente na história e na história se torna sacramento do Reino, vivendo a antecipação da esperança e apontando o destino futuro que esta esperança nos chama”.

Héctor Lizarazo Salcedo está a serviço da Conferência Religiosa Colombiana (CRC) há 17 anos como secretário adjunto e assumindo tarefas de comunicação. Ele acha que a expressão Povo de Deus inclui todos e “nos coloca no mesmo dinamismo. Em termos pedagógicos, coloca-nos todos num ambiente de circularidade,

CÉSAR KUZMA: “A IGREJA É UM MISTÉRIO QUE SE REALIZA CONCRETAMENTE NUM POVO QUE PEREGRINA PARA DEUS”

onde todos somos corresponsáveis e protagonistas do caminho da Igreja. Talvez, e sendo muito franciscanos e fiéis ao chamado de Francisco na última encíclica, sejamos todos irmãos e irmãs. Todos somos chamados a fazer parte do dinamismo e da vida da Igreja. Em meio à diversidade carismática, somos todos parte fundamental de um mesmo corpo ou órgão que é a Igreja. Ser e sentir-se Povo de Deus evoca-nos os primeiros homens e mulheres, o povo de Israel, o povo eleito, chamados e guiados por Deus”. Kuzma reforça esta ideia: “A Igreja é o Povo de Deus porque é constituída →



Da esquerda para a direita, Ariel Rojas Hernández, Héctor Lizarazo, Dorismeire Almeida de Vasconcelos, Jesús Manuel Ramos, Blanca Sastre e César Kuzma

→ por pessoas nas mais diversas circunstâncias, sejam homens, mulheres, velhos ou jovens, chamados ou não a exercer um ministério específico. A Igreja existe na sua diversidade e, através dela, como povo, vive a unidade. Esta unidade, porém, é garantida pela ação do Espírito. Assim, ela se torna missionária em sua totalidade, com todos os seus membros.”

O VÍRUS DO CLERICALISMO

Como acabar com o vírus do clericalismo que se espalhou em várias formas e contextos? **Jesús Manuel Ramos** e **Blanca Sastre**, casal missionário do Movimento Familiar Cristão de Monterrey (México), ilustra com uma anedota: “Muitas vezes os leigos não assumem nossa missão e é mais fácil para nós assumir a responsabilidade de tomar decisões sobre as decisões do padre. Uma vez em um congresso internacional, aqui no México, dissemos a um bispo que às vezes queremos ir evangelizar, mas o padre não concorda necessariamente; o bispo disse que todos nós temos essa missão e ninguém pode tirar o seu direito de evangelizar”. Blanca acrescenta que, para superar o clericalismo, “a formação é algo muito importante e algo que não podemos perder de vista e acho que o mais importante é sempre voltar à fonte, se alimentar”. Essa fonte é a Palavra de Deus e, em algumas ocasiões, “podemos cair na tentação de esquecer de ser servos, o poder sobe à nossa cabeça, até nos sentirmos superiores”. Uma questão que acaba por se agravar – diz

Jesús Manuel – quando um leigo “destas características” se associa a um sacerdote “semelhante” e, por isso, constituem “uma dupla muito perigosa”, que “já não reflete o rosto de Cristo”. Em ambos os casos, o essencial, sugere Blanca, é “nos nutrir da sabedoria de Deus e mostrar com obras a missão que Ele nos confiou”.

Da Amazônia, **Dorismeire Almeida de Vasconcelos**, coordenadora territorial da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam Brasil) e integrante do núcleo Novos ministérios: ministerialidade de mulheres da Conferência Eclesial da Amazônia (Ceama), acredita que “o caminho é a formação e a tomada de atitudes e ações de inclusão, onde todos os homens e mulheres caminhem juntos em comunhão e participação tanto nas comunidades como nas organizações, assim

como na pastoral; do processo de iniciação à vida cristã à vivência e prática da missão”. Ele também acredita que “são necessárias ações profundas para quebrar os paradigmas dessas culturas de opressão em direção a uma missão libertadora e sinodal na construção de novas narrativas comunitárias, proféticas e missionárias”. Certamente, neste caminho, “o papel da Amazônia é fundamental pela sua rica experiência missionária junto aos povos, pelas ricas experiências das comunidades eclesiais de base, pela força, dom e carisma da liderança feminina e juvenil. Simbologia e saberes ancestrais que anunciam e dialogam com a fé e a missão, em comunhão e integração com a criação”.

BLANCA SASTRE: “A FORMAÇÃO É MUITO IMPORTANTE PARA SUPERAR O CLERICALISMO, O PRINCIPAL É SEMPRE VOLTAR À FONTE”

Ariel Rojas Hernández, de apenas 27 anos, é consultor do Dicastério para os Leigos, Família e Vida do Vaticano e do organismo consultivo internacional de juventude (IYAB). Administrador público de profissão e membro permanente da Comissão Nacional de Pastoral Juvenil do Chile, ele acredita que o clericalismo põe em risco a sinodalidade, mas também a laicidade, ou seja, o outro lado da moeda. Por isso, propõe um profundo diálogo e discernimento para “saber verdadeiramente quais são cada um dos papéis que nós, os membros da comunidade, devemos assumir”. Por um lado, os párocos devem assumir “seu papel de pároco e isso significa acompanhar os fiéis de suas comunidades, significa assumir a responsabilidade pelos aspectos materiais da comunidade, tomar decisões sobre ela”, mas os leigos devem entender que os sacerdotes “são pessoas que também têm necessidades, que também precisam de descansar, que também precisam de ser acompanhadas e, por isso, vivem em família, onde cada um tem um papel específico que é suposto saberem”. O jovem chileno acredita que “a formação é um aspecto fundamental para superar o clericalismo, porque assim podemos colaborar com ações concretas, com conhecimento e com contribuições que possam nos ajudar a ser uma Igreja melhor, que é mãe e que se preocupa com cada um de seus filhos”.

Héctor Lizarazo, da CRC, insiste que “os leigos devem assumir o nosso compromisso de batizados.

ARIEL ROJAS: “OS JOVENS TÊM A MISSÃO DE AJUDAR A IGREJA A SE REJUVENESCER, A NÃO TER MEDO E A TRILHAR NOVOS CAMINHOS”

Homens e mulheres, jovens, meninos e meninas, somos chamados a ser protagonistas da ação pastoral da Igreja. Devemos nos formar com seriedade e responsabilidade. Conhecer tudo relacionado à nossa Igreja: doutrina social, documentos oficiais e participar dos diferentes ambientes que as Igrejas locais nos oferecem”, enquanto Ariel Rojas está convencido de que “os jovens têm um papel fundamental, não porque temos que fazer algo que os outros não podem fazer, mas porque, para Deus, todos somos importantes; eu sou importante e penso que é algo que Francisco tem ajudado a podermos vislumbrar e assumir”, sobretudo quando “estamos às portas da Jornada Mundial da Juventude em Lisboa 2023 e o seu lema diz que ‘Maria levantou-se e partiu apressadamente’. Nesse sentido, os jovens têm um papel importante como laboratório da Igreja”. Portanto, “temos a missão de poder ajudá-la a rejuvenescer-se, a não ter medo, a trilhar um novo caminho, não porque esteja a fazer coisas que não convém, mas porque o mundo avança e a Igreja está avançando com ele. Os jovens são esse elo muito mais claro para poder seguir em frente agora”.

“A família é a base da sociedade”, diz Blanca, portanto, o papel das famílias na construção de uma Igreja sinodal é fundamental porque “aí nascem os melhores homens e as melhores mulheres ou também o contrário”. Assim, hoje, como nunca antes, a família tem a responsabilidade de “defender o seu lugar e testemunhar o que é uma família, tentar manter esta unidade para dar testemunho ao mundo”. Enquanto isso, o seu marido Jesús valoriza a escuta que deriva da sinodalidade, porque “a família precisa ser atendida em suas demandas, em suas necessidades,

em suas realidades” e, principalmente, “exige proximidade de quem está tomando as decisões”. Por isso, acrescenta: “Gosto muito deste conceito de sinodalidade que agora está sendo revitalizado porque significa ou entendemos que eles vão nos ouvir.” Sinodalidade e Povo de Deus andam de mãos dadas, não são conceitos abstratos – explica César Kuzma – trata-se apenas de “redescobrir o caminho de Jesus e ser novamente peregrino, seguindo seus passos e ouvindo os grandes gritos da humanidade”. Caminhar juntos não é uma tarefa fácil; assim como o povo do deserto “caminhava movido pela esperança”, hoje a Igreja está em busca de caminhos próprios de conversão. ●

A aliança de Clamor e ACNUR pelos migrantes

A REDE DE IGREJAS E A ONU RATIFICAM O APOIO TÉCNICO E DE CAPACITAÇÃO ÀS CASAS DO MIGRANTE NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE

PAOLA CALDERÓN GÓMEZ

Desenvolver um protocolo integral de atendimento a migrantes e refugiados nas casas de trânsito da Igreja latino-americana e caribenha, assim como compartilhar boas práticas no atendimento humanitário a migrantes e refugiados foram dois dos objetivos do Encontro Latino-Americano de Casas do Migrante realizado em sede do Celam, em Bogotá, de 28 de novembro a 3 de dezembro. *Porque eu era estrangeiro e vocês me acolheram* foi o mote do evento organizado pela Rede Clamor (Rede Eclesial Latino-Americana e Caribenha de Migração, Deslocamento, Refúgio e Tráfico de Pessoas) e pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), no qual participaram funcionários de 23 Casas de Migrantes de 13 países. Assim, várias articulações foram geradas para fortalecer as ações da Rede Clamor, graças ao apoio técnico do ACNUR, para garantir um melhor atendimento nesses locais, atendendo às necessidades dos migrantes.

O encontro começou recordando os princípios humanitários que orientam o atendimento às pessoas em condições de mobilidade, refúgio ou migração. Uma situação que, bem sabemos, é uma constante na realidade deste tempo para o nosso continente e na qual não se devem poupar esforços para oferecer o devido acompanhamento às pessoas que, por uma razão ou outra, decidiram ou foram obrigadas a deixar os seus lugares de origem para reconstruir sua vida, melhorá-la ou transformá-la. Da mesma forma, foram analisadas questões como a necessidade de se preparar



Encontro das Casas de Migrantes realizada na sede do Celam

para prestar cuidados que incluam uma abordagem de gênero, priorizando a idade de quem os recebe e as necessidades de cada grupo populacional.

Também discutiram a necessidade de implementar e melhorar os sistemas de registro e identificação precoce das necessidades da população migrante e os mecanismos que podem ajudar a prevenir problemas como exploração sexual comercial, abuso sexual e proteção contra a violência de gênero; situações dramáticas que fazem parte da dor das pessoas que acessam os serviços das Casas de Migrantes.

APRENDENDO UNS COM OS OUTROS

Para atender a esses objetivos, os abrigos temporários, acampamentos ou casas de migrantes devem ter uma infraestrutura básica, atendendo aos padrões mínimos de atendi-

mento, porque não basta boa vontade, é preciso oferecer ótimas condições de atendimento às pessoas, conforme explica **Viviana Peña**, responsável pelo alojamento temporário do escritório regional do ACNUR para as Américas e uma dos principais palestrantes do encontro. A partir de sua experiência, indicou que dentro desses recursos mínimos está o acesso a cama, água e comida, além de contar com pessoal capacitado para ouvir sem julgar as necessidades da população migrante e experiência suficiente para orientar ou aconselhar aqueles que precisam de ajuda de uma natureza jurídica, médica ou psicológica. Trata-se de ser uma ponte entre o migrante e o especialista que pode contribuir para melhorar a sua situação.

“O mínimo já está sendo feito e muitas casas de migrantes têm padrões de gestão muito altos, por isso o trabalho do ACNUR é

oferecer suporte técnico e promover a troca de conhecimento e boas práticas. Não se trata de dizer-lhes como fazer as coisas, mas de apoiá-los para que alcancem equipas de pessoas formadas, sejam elas voluntárias ou colaboradoras diretas na perspectiva de que as pessoas são sujeitos de direitos”, alertou. A responsável do ACNUR é clara ao estabelecer que “o alojamento de emergência é um mecanismo de sobrevivência vital durante a crise ou deslocamento. Também é fundamental para restaurar a segurança pessoal, a autossuficiência e a dignidade.” De fato, parte fundamental da sua missão de proteção da população é garantir o acesso a uma habitação adequada em situações de emergência humanitária. Para isso, distribuem tendas, distribuem lonas plásticas e propõem estratégias e linhas de ação para restabelecer na população refugiada ou migrante aquele sentimento de lar, de segurança, que todo ser humano necessita para viver com dignidade.

OS DESAFIOS

Para Peña, um dos maiores desafios é dispor de recursos econômicos suficientes, seja de fundos privados ou de ajuda governamental, para que as Casas de Migrantes tenham espaços seguros para quem acessa aos seus serviços. “Não causar danos é um dos princípios”, assegurou Peña, pelo que se deve evitar qualquer situação perigosa para homens, mulheres e menores; porque uma dificuldade dessas características significa agravar a situação no contexto da migração, que já constituiu um drama a ser resolvido.

Referindo-se à sua própria história como funcionária do ACNUR, em contato diário com muitas pessoas migrantes e refugiadas, ela apreciou o ensinamento que cada um deles lhe deixou. “Somos facilitadores, estamos aqui para facilitar o caminho de alguém, não estamos aqui para resolver a vida de ninguém. Cada pessoa é um sujeito de direitos, as pessoas que migram são muito corajosas, temos que admirar a coragem delas; Talvez isso seja o que mais aprendi e o que mais valorizo neste trabalho. O que me inspira diariamente é a coragem das pessoas que migram, desde o momento em que iniciaram o seu processo, e tudo o que têm de resolver todos os dias. Isso é o que me enche de força, sem esquecer que as pessoas são protagonistas de suas próprias vidas e que também têm que trazer as respostas”, concluiu. ●

O Gran Chaco e o Aquífero Guaraní iluminam uma rede para a “casa comum”

DOM ÁNGEL MACÍN, BISPO DE RECONQUISTA (ARGENTINA), PRESIDIRÁ O REGCHAG

LUIS MIGUEL MODINO

Nasceu uma nova rede eclesial, fruto da sinodalidade. Trata-se da Rede Eclesial Gran Chaco e Aquífero Guaraní (Regchag), promovida pelo Celam, e que pode ser considerada irmã de outras redes existentes na América Latina, como a Rede Eclesial Panamazônica (Repam) e a Rede Eclesial Mesoamericana (Remam). Depois de dois anos e meio na estrada, ela foi oficializada no encontro realizado em Luque (Paraguai), de 28 a 30 de novembro, com a presença de representantes do Paraguai, Argentina, Bolívia e Uruguai.

São territórios de grande riqueza natural e cultural. O Aquífero Guaraní é a terceira maior reserva subterrânea de água doce do mundo, e o Gran Chaco é a segunda maior reserva florestal da América do Sul. Mas, ao mesmo tempo, são territórios ameaçados pelo desmatamento, pela degradação ambiental, pela contaminação dos cursos de água, pela violação dos modos de vida e dos direitos das pessoas, o que os torna vulneráveis aos efeitos das mudanças climáticas.

Missa do encontro celebrada em novembro no Paraguai



Coordenado por Dom Ángel Macín, bispo de Reconquista (Argentina), ele o vê como um instrumento para “cuidar da ‘casa comum’ e contribuir para esse cuidado a partir de nossa experiência, unindo vontades, também pensamento, discernimento”. A partir de um diagnóstico regional, buscaram acertar os compromissos para os próximos anos. Tudo isto como um espaço eclesial a partir do qual se articulam diversas vontades para atuar conjuntamente na defesa das riquezas naturais e culturais de ambos os territórios. Uma realidade que gera esperança nos agentes pastorais, nas organizações sociais e ambientais e nos povos indígenas.

O Regchag conta com o apoio do Vaticano por meio do Dicastério para o Desenvolvimento Humano Integral, que fez um apelo para abrir caminho “a partir da escuta das pessoas e do olhar analítico da realidade, do julgamento e do discernimento do que o Senhor as chama”. Uma semente que está nascendo e que pode se inspirar nos sonhos de Querida Amazônia, e que o Centro de Programas e Redes de Ação Pastoral (Cepap) do Celam quer acompanhar, vendo nela “a emergência de um novo sujeito eclesial na Igreja, das territorialidades, dos biomas”, que “vai configurando uma riqueza profunda da abertura da Igreja para responder aos sinais dos tempos, para viver a sua missão de anúncio, mas também de denúncia em termos de territórios”.

“Um hino de louvor, que se expressa no cuidado das pessoas, das suas comunidades e dos recursos naturais, hoje desafiados por múltiplos processos que os excluem e os prejudicam, por vezes de forma irreparável”, nas palavras do bispo Miguel Cabrejos. E ao mesmo tempo como “parte de um processo universal e permanente de nossa Igreja: ser cada vez mais povo de Deus a caminho”. ●

Mais comunhão graças à formação

CEBITEPAL OFERECE MAIS DE 100 ESPAÇOS DE FORMAÇÃO ENTRE GRADUADOS E CURSOS

VIRGINIA BONARD

O Centro de Formação Cebitepal cumpriu o mandato da Assembleia de Tegucigalpa, em que se solicitou renovar esta instituição com 46 anos de vida, uma trajetória sólida, apreciada e reconhecida, mas que era necessário atualizar.

Cebitepal sempre teve uma lógica pastoral. Este caminho foi percorrido em várias direções coincidentes, aprofundando as opções formativas não só para o mundo do clero ou da vida religiosa, mas para todo o Povo de Deus, incluindo os leigos, claro. E sobre quais temas? Naqueles que estão alinhados com os ‘3 Ts’ – terra, teto e trabalho – do Papa Francisco, passando por redes territoriais, ecologia integral, temas que unem todo o Povo de Deus como saúde mental, a realidade das prisões, migração, idosos, justiça restaurativa, Bíblia, teologia e muito mais. Todos estes temas estão incluídos na programação do Cebitepal.

Atualmente, são oferecidos mais de 100 espaços formativos entre diplomados e cursos, que são expressão de processos vivos, tecidos e construídos com os demais centros pastorais do Celam e, além disso, com múltiplas instituições, universidades da América Latina e Caribe e também com as conferências episcopais, com as quais se estabelecem convênios e convenções, em interação com os próprios estabelecimentos universitários.

A Cebitepal é compreendida e concebida ao serviço das conferências episcopais e do Povo de Deus através delas. É dada especial atenção a esta ligação e é-lhes oferecido o que o Cebitepal faz. Em sentido recíproco, acolhe-se o que as conferências episcopais vão desenvolvendo em



Os membros do Cebitepal, em reunião na sede do Celam

termos de formação e serviço, o que antecipa um determinado tipo de incidência e o que se considera de maior importância a nível regional.

A Dra. Susana Nuin, diretora do Cebitepal, indicou que “a Agenda 2021-2022-2023 do Cebitepal também envolve outro esforço importante: o metodológico. Este Centro de Estudos sempre teve no ensino os melhores representantes da América Latina e alguns convidados de outras regiões do nosso mundo, mas vimos ser necessário fazer uma mudança metodológica verificável, em que teoria e práxis tivessem um dinamismo de interação que promovesse aos alunos uma aprendizagem fundamentada, que foi motivo de transformação e defesa”. “Isto é fundamental”, acrescenta, “porque entendemos que não é apenas relevante oferecer conhecimento, mas também formas de apropriar-se dele, para influenciar o continente através de diferentes realidades. Trata-se de uma evangelização integral-total com olhar e ação de projeção”.

No Cebitepal, as bases sobre as quais se planeja a oferta educativa são o Magistério de Francisco, o Magistério latino-americano e caribenho e, em particular, os quatro sonhos de Querida Amazônia: social, cultural, ecológico e eclesial. “O nosso estilo é o associativo e interativo: uma grande rede foi tecida, na qual a grande metáfora que nos move como Cebitepal é ‘pôr a mesa para que todos os comensais cresçam juntos em movimento comunitário e sinodal, também no plano formativo’”, concluiu Nuin. ●



Mons. Vicente Ferreira
BISPO AUXILIAR DE BELO HORIZONTE (BRASIL) E
SECRETÁRIO DA COMISSÃO DE ECOLOGIA INTEGRAL E MINERAÇÃO DA CNBB

A Mineração e seus impactos na Amazônia brasileira

O Século 21 é marcado por um aprofundamento da reprimarização de nossa economia, na produção de commodities agrícolas e minerais. Resultado da política neoliberal adotada em toda América latina, no final dos anos 80 e por toda década dos anos 90. Período de destruição de parques industriais e retirada da participação do Estado em setores estratégicos de nossa economia, bem como da perda de direitos sociais, trabalhistas e previdenciário.

A extração mineral no país se insere nesse contexto geral de aberturas de minas, de flexibilização das legislações ambientais e mineiras, atrelada ao desmonte de órgãos de acompanhamento e controle do setor. O que facilitou a ampliação e o drástico crescimento desta atividade, nos anos 2000. Uma das consequências da crise mundial de 2008, foi o alto investimento de capitais ligados a mineração, principalmente, na cadeia do ouro e no minério de ferro. Também aconteceu a alta dos preços, ocasionado pela demanda chinesa. Conseqüentemente, ocorreu um aumento dos conflitos nos territórios, acidentes trabalhistas, crimes ambientais, contaminações diversas, rompimentos e/ou vazamentos de barragens de rejeitos e principalmente a sonogação e evasão de divisas cometidas pelo setor mineral. A partir do Golpe de 2016, houve um aprofun-

damento dos conflitos, envolvendo a mineração no país, justamente pela decisão política do Estado brasileiro em incentivar abertura de novas minas, reduzir o valor e a quantidade de multas aplicadas as mineradoras e, principalmente, o estímulo às invasões de territórios protegidos (Terras Indígenas, Unidades de Conservação, Quilombos, Parques e Florestas Nacionais entre outros) para atividade garimpeira. Desde a campanha eleitoral, **Jair Bolsonaro** prometeu que não iria demarcar mais uma terra indígena e quilombola, sendo o foco a exploração mineral destes territórios.

Verbalizou, no dia 10 de outubro de 2019, que “o interesse na Amazônia não é no índio, nem na porra da árvore. É no minério! [...] Como é que pode um país rico como o nosso, que tem toda tabela periódica embaixo da terra e continuar vendo vocês aqui sofridos. E, infelizmente, construiu sua política governamental para o avanço do garimpo nestes territórios. Segundo dados publicados em setembro de 2022, pelo MapBiomass, desde 2019, é a primeira vez que a área garimpada é maior que a mineração industrial, sendo, mais de 91% desta área concentrada na Amazônia brasileira.

Essa concentração foi possível pelos cortes orçamentários no Ibama e no ICMBio, bem como pelo sucateamento dos órgãos de combate e



fiscalização. O orçamento liberado para fiscalização do desmatamento no ano de 2019 foi de 102 milhões de reais e ainda sofreu um bloqueio de 15,6 milhões. No ano de 2020, o recurso foi ainda menor: conforme o Projeto de Lei Orçamentária (PLOA), aprovado, foram previstos 76,8 milhões para as ações de controle e fiscalização ambiental do Ibama. Isso significou 25,2 milhões de reais a menos.

Outra resultante desta política adotada pelo governo de Jair Bolsonaro, foi a quantidade de conflitos que ocasionaram mortes de povos



À esquerda, a represa de Brumadinho. Acima, marcha contra Bolsonaro. Abaixo, concentração de Igrejas e Mineração

pondendo a um aumento de 5.821, destruindo grande parte da biodiversidade nestes biomas, ameaçando povos originários e tradicionais”, para beneficiar mineradoras, madeireiras e o agronegócio.

Vemos que não é somente o garimpo e as queimadas que causam conflitos na região amazônica. A mineração industrial (“legal”) é responsável por diversos conflitos socioambientais que ocorrem na região. O projeto grande carajás, da mineradora Vale, foi responsável, diretamente, pelo colapso do sistema público de saúde em Parauapebas, por não ter parado suas atividades no início da Pandemia da Covid-19. A Hydro Alunorte foi responsável pelo vazamento de metais pesados (chumbo, sódio, nitrato e alumínio) em Barcarena, também no estado do Pará, sendo ainda descoberto dois dutos ilegais onde eram despejados estes rejeitos em Igarapés. Infelizmente estes casos não são a exceção de problemas sociais e ambientais causados pela mineração “legal” na região. ●

indígenas. O relatório “Conflitos no Campo Brasil 2021”, divulgado em abril de 2022, pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), demonstrou que o garimpo ilegal foi o principal fator para ocorrer as violências no campo em 2021. Estes conflitos, causaram 92% das mortes por conflitos registradas pela CPT.

Também é importante destacar que em 2019 o fenômeno que fez “o dia virar noite”, não foi uma mera alteração climática ou rotação da terra que havia causado um eclipse, mas sim a liberdade e comemoração pela Flexibilização da Legislação Ambien-

tal realizada pelo Governo Federal. E em forma de apoio, fazendeiros realizaram o “Dia do Fogo”. Um ano depois, nossa Conferência Episcopal publicou a “mensagem sobre as queimadas em território brasileiro”, na qual apontou que “Essa agressão à Casa Comum, teve como resultado, nos anos de 2019 e 2020, recordes na quantidade de focos de queimadas no Cerrado (50.524 e 41.674), no Pantanal (6.052 e 15.973) e na Amazônia (66.749 e 71.499), totalizando, segundo dados do INPE, 123.325 focos em 2019 e 129.146 até 20 de setembro de 2020, corres-

“Eles não querem que falemos dos pobres”

ÁNGEL ALBERTO MORILLO

Há 19 anos que **Marcia Boxil-Haywood** está à frente da Cáritas Antilhas – formada pela Província de Castries, que inclui as ilhas caribenhas de Antígua e Barbuda, Dominica, Granada, São Vicente e Granadinas, Santa Lúcia e Bermudas. Neste tempo à frente da organização eclesial, procurou lutar a favor dos mais pobres e marginalizados em sintonia com o objetivo central da Cáritas, que é capacitar os mais pobres dos pobres para que saiam da pobreza através do desenvolvimento econômico sustentável.

Como vê a situação da Igreja nas Antilhas?

Isso varia de país para país. Em alguns países das Antilhas, a Igreja tem maioria, em outros não. Estamos em tempos onde, politicamente, os governos não querem que a Igreja fale a favor dos pobres, mas estamos sempre na luta para influenciar a vida dos pobres e sempre falar sobre isso. Os nossos líderes eclesiais se encontram e buscam sempre um terreno comum para enfrentar os problemas sociais existentes.

Qual é o problema mais recorrente que você enfrenta atualmente?

O impacto do turismo. Em muitas das ilhas passaram de uma indústria agrícola para uma indústria turística. Os preços que implicam ceder aos investidores do turismo a custos reduzidos têm muitas vezes gerado efeitos nefastos, sobretudo ao meio ambiente. Com o chamado ‘desenvolvimento’ hoteleiro, querem apropriar-se de terrenos para reservas; querem também introduzir espécies de peixes, como os golfinhos que não são da zona, para fins turísticos e que afetam o equilíbrio do ecossistema; esses animais não estão acostumados com essas águas, afetando muito a vida marinha e subaquática.

Às vezes nos esquecemos do Caribe?

Os latino-americanos sempre se esquecem da parte caribenha. Mesmo os bispos das Antilhas sempre quiseram fazer do Caribe, uma região à parte devido a toda a sua diversidade e diferentes idiomas como inglês, espanhol e francês. Por exemplo, o papiamento é falado em Aruba, Bonaire e Curaçao e o crioulo é falado no Haiti. Além disso, as idiossin-



MARCIA BOXIL-HAYWOOD
DIRETOR DA CÁRITAS ANTILLAS

crasias são muito diferentes, as culturas de país para país são diversas, temos contextos diferentes. Tudo isso deve ser levado em consideração. Quando você diz latino-americano e não diz caribenho, nos sentimos fora da região.

O que você diria ao Papa Francisco?

Eu o amo muito e o admiro por sempre falar em favor dos pobres, por sua mensagem de abertura a todos, isso é muito importante, ele está sempre aberto a todos porque somos todos filhos e filhas de Deus. ●



Mons. Arturo Fajardo
BISPO DE SALTO E PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL URUGUAIA

Todos evangelizando todos

Escrevo estas linhas do Uruguai, o país mais secularizado da América Latina, com um processo que levou inclusive à mudança dos nomes dos principais feriados religiosos católicos (por exemplo, Dia da Família: Natal ou Dia da Praia: Imaculada Conceição) no calendário civil.

Somos uma Igreja pobre em recursos e pessoal, mas livre para anunciar o evangelho em meio a essa cultura, em muitos aspectos pós-cristã. A nossa experiência pode ser um pequeno laboratório para outras Igrejas do continente, de como a comunidade cristã continua presente, apesar das dificuldades, anunciando a Boa Nova de **Jesus** no meio desta realidade fortemente secularizada.

O Papa **Francisco** diz na *Evangelii gaudium*: “A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Trata-se certamente de um mistério que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional” (EG 111).

Quando penso no Santo Povo de Deus, como diz o Papa, vêm-me à mente os nossos santuários, sobretudo marianos; ali me sinto refletido na fé popular, na presença de tantos irmãos pobres, sofredores, tantas vezes “descartados” pela sociedade, mas que sabem que são amados por Deus, consolados por Jesus, acolhidos por sua Santa Mãe.

As peregrinações de nossas Igrejas particulares, mesmo em nossa cultura uruguaia secularizada, continuam sendo um ícone daquele caminhar juntos, onde participam não as elites esclarecidas, mas os pobres, onde nos reconhecemos como um povo peregrino que canta à Mãe de Deus “Vem caminhar conosco”.

A Igreja sinodal e em saída é um desafio em linha com a conversão pastoral pedida por Aparecida e na qual o Papa tanto insiste. A Igreja tem

como único propósito anunciar Jesus. Segundo aquela bela imagem dos Santos Padres, não tem luz própria como a lua que reflete o sol, tem de refletir a luz de Jesus, luz do mundo. Todos evangelizando todos deve ser como o nosso lema, todos necessitados de conversão ao Evangelho e cada um contribuindo, do Povo de Deus como um todo, com os carismas e os ministérios.

As propostas finais da primeira Assembleia eclesial dizem-nos: “A força que a certeza da fé tem na igualdade fundamental entre todos os batizados e na diversidade dos membros do Corpo de Cristo é uma oportunidade de crescimento recíproco”. E acrescenta: “Uma das reivindicações mais fortes é a necessidade de superar o clericalismo.” Mais tarde, ele nos diz: “Há um desejo cada vez mais firme de crescer na sinodalidade, pois significa caminhar corresponsavelmente com o futuro de nossa Igreja. Multiplicam-se os sinais que convidam a uma conversão pastoral, que abre caminhos a uma maior participação de todo o Povo de Deus. Um grande desafio para o progresso da Igreja no continente. Que possamos seguir nessa direção como discípulos e missionários!”. ●



Via Crucis e Missa na gruta de P. Pio em La Aurora (diocese de Salto –Uruguai) realizada em setembro de 2022



OS ÚLTIMOS, OS PRIMEIROS

A discípula de Rutilio Grande

TEXTO: ÁNGEL ALBERTO MORILLO. FOTO: CARLOS CAJAL

Gabina Dubón, mais conhecida como Dina, é uma enciclopédia aberta. Ela testemunhou os tempos sombrios do povo salvadorenho. Em 1970, conheceu o agora beato Rutilio Grande. Ela conta que, por ser a mais velha dos irmãos, “decidimos participar da comunidade de base promovida pelo pai, por amor, fé e compromisso cristão; realizamos o sonho de viver o Evangelho e nos organizamos na Federação Cristã Camponesa Salvadorenha, para lutar pelos interesses de nossos irmãos”. Ela lembra que nessa altura conheceu o marido e, como Rutilio, “viajava para sua cidade natal nos fins de semana e feriados”. “Nunca imaginei que quem se casasse comigo depois seria um mártir”, diz ela. Ela viveu intensamente essas lutas do sacerdote, seguindo seu exemplo, até que sua vida foi ceifada em 12 de março de 1977. Morava em El Paisnal – no norte do país –, e lembra que,

“naquele dia, eu estava em Cojutepeque realizando missões e regressar”. Um pressentimento a levou a tomar o primeiro ônibus. A prima recebeu-a com a infeliz notícia: “Mataram o padre Rutilio.” Elas choraram desconsoladamente. Desde então, dedicou a sua vida ao acompanhamento das comunidades eclesiais de base, ao movimento camponês e ao trabalho com as mulheres. Considera que o martírio de Rutilio “despertou a base dos leigos, dando a conhecer que esta não era a vontade de Deus, mas do homem, que este era um pecado social, estrutural, a injustiça que nos tirava a venda dos olhos”. “Sua morte não foi em vão”, afirma. Em junho de 2022, a Cáritas Latino-americana e a Catholic Relief Services lhe concederam o Prêmio Mulheres Construindo Justiça e Paz na América Latina e no Caribe. Dina continua em turnê em El Paisnal, determinada a seguir os passos de Rutilio.